

O fantástico equívoco de Drauzio: as delícias e as dores de um Jornalismo de Perspectivas

Evandro José Medeiros Laia¹

Lara Linhalis Guimarães²

Resumo:

No primeiro dia do mês de março de 2020 a TV Globo exibiu, no Fantástico, uma reportagem sobre a situação de mulheres transexuais em cadeias e presídios do Brasil, a primeira de uma série produzida pelo médico Drauzio Varella, habitual colaborador do programa. Ele atua criando ao menos duas controvérsias no episódio: a primeira quando abraça Suzy, uma das detentas, durante a reportagem; a segunda quando, dias depois, outros veículos de comunicação revelaram que Suzy havia sido presa por ter estuprado e matado uma criança. A partir do conceito de Humanidade Compartilhada, do Perspectivismo Ameríndio e da Teoria Ator-Rede, mostramos então o modo como a veiculação e os posteriores desdobramentos deste material encerram uma série de características que apontam para uma experiência que assume a possibilidade de um Jornalismo de Perspectiva, constituindo Drauzio Varella como um médico-jornalista que exerce um papel análogo ao do xamã, nas cosmologias ameríndias.

Palavras-chave: Perspectivismo Ameríndio, Jornalismo de Perspectivas, Humanidade Compartilhada, Teoria Ator-Rede, Virada Ontológica

The fantastic equivocation of Drauzio: the delights and pains of Perspectives Journalism

Abstract:

On the first day of March 2020, TV Globo showed, on Fantástico, a report on the situation of transgender women in jails and prisons in Brazil, the first of a series produced by doctor Drauzio Varella, a regular contributor to the program. He acts creating at least two controversies in the episode: the first when he hugs Suzy, one of the inmates, during the report; the second when, days later, other media outlets revealed that Suzy had been arrested for raping and killing a child. From the concept of Shared Humanity, Amerindian Perspectivism and Actor-Network Theory, we then show how the placement and subsequent developments of this material contain a series of characteristics that point to an experience that assumes the possibility of a Perspective Journalism, constituting Drauzio Varella as a doctor-journalist who plays a role similar to that of the shaman, in Amerindian cosmologies.

Key-words: Amerindian Perspectivism, Perspectives Journalism, Shared Humanity, Actor-Network Theory, Ontological Turn

¹ Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, pesquisador associado ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, co-criador do Observatório jornalismo(S). Email: evandro.medeiros@ufop.edu.br

² Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, pesquisadora associado ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, co-criadora do Observatório jornalismo(S). Email: lara.guimaraes@ufop.edu.br

Introdução

No primeiro dia do mês de março de 2020, a TV Globo exibiu, no domingo à noite, no Fantástico, uma reportagem sobre a situação de mulheres transexuais³ em cadeias e presídios do Brasil. O material era o primeiro de uma série derivada da investigação do médico Drauzio Varella, conhecido pelo seu trabalho voluntário em casas de detenção, pelos seus livros resultantes de mais de 30 anos deste tipo de trabalho e também pela sua atuação como comunicador, especialmente em quadros do Fantástico. Em certo ponto da reportagem em questão, Varella abraçou uma das mulheres trans detentas, de nome Suzy. Instalou-se aí o que entendemos como uma primeira controvérsia: ele atravessou o limite tacitamente permitido ao jornalista-comunicador, não apenas reportando, mas tocando, abraçando, gerando empatia com a entrevistada. Elaboramos a hipótese de que Varella incorporou, nesta cena, a figura do repórter-xamã, aquele que acessa outras ontologias e faz a tradução para a sua comunidade, ideia central no entendimento do Jornalismo de Perspectivas (GUIMARÃES, 2016, 2019).

Durante a semana posterior à exibição, a repercussão do episódio ganhou uma conotação negativa e inesperada: reportagens de veículos dos mais diversos matizes editoriais revelaram que Suzy, a detenta abraçada por Drauzio, estava presa por ter sido condenada pelo estupro e assassinato de uma criança. Os desdobramentos que se seguiram a isso e que aparecem descritos ao longo deste artigo revelam a instalação de uma segunda controvérsia, desta vez dentro da anterior: qual o limite da empatia por uma pessoa em situação de sofrimento? Após a repercussão do caso, Drauzio Varella informou, através de rede social, que nunca pergunta a detentos porque foram presos. Isso seria uma estratégia de evitar julgamentos que possam interferir em seu trabalho como médico. Assim ele entende o Juramento de Hipócrates, ao qual está eticamente vinculado em razão da profissão, como veremos mais à frente neste texto. E os jornalistas da equipe do Fantástico, que não fizeram este mesmo juramento, deveriam ter apurado isso antes de levar o material ao ar?

O que nos parece é que esta controvérsia, sim, abriu as portas para pensarmos este lugar do “entre” ocupado por Varella, do devir médico-jornalista. O episódio potencializou a hipótese que o caso encerra características que nos permitem pensar que Drauzio Varella ocupa o lugar do devir repórter-xamã, não só pelas delícias da escolha desta postura, ou seja, a empatia, o acolhimento e a disponibilidade para traduzir mundos; mas também pelas dores, quais sejam, o risco de não fazer distinção entre pessoas, ou, em outras palavras, o perigo de

³ Os termos "mulheres transexuais", "mulheres trans" e "travestis" são usados sem diferença ao longo de todo o texto, assim como as próprias mulheres da reportagem exibida pelo Fantástico os usam sem distinção.

se comunicar com a diferença sem reduções. A mirada sobre a reportagem exibida no Fantástico, assim como sobre os desdobramentos posteriores, é parte de uma série de exercícios para o desenvolvimento de uma abordagem que aproxima a experiência tradutória do jornalismo com a comunicação interespecífica indígena, algo que se mostrou produtivo e viável para pensar os processos comunicacionais contemporâneos.

Antes de abordarmos a reportagem, é preciso fazer duas coisas. A primeira é dar um aviso que deve ser lembrado durante toda a viagem deste texto: é preciso ter imaginação e estar disposto a pensar outros modos de existir para estabelecer a aproximação que iremos propor aqui, entre a ontologia ameríndia e seus modos de invenção-tradução dos mundos e um outro certo mundo, o nosso, inspirado na ontologia essencialista ocidental, que produz um certo tipo específico de tradução de mundos que chamamos de jornalismo. Não é uma aproximação das mais fáceis, visto que uma série de equívocos podem atravessar o caminho, justamente o que torna esta uma proposta perigosa e muito potente, no sentido de oferecer escapes, linhas de fuga, transversalidades para o pensamento sobre um jornalismo. A segunda tarefa cumprimos no tópico que se segue, quando apresentamos um ajuntamento de ideias e conceitos, um desenho de mapa para o passeio proposto, um código aberto para acessar o abraço.

Controvérsias e perspectivas

No rumo indicado pela Teoria Ator-Rede (TAR), o social deve ser entendido justamente a partir deste sentido de associações, configuradas temporariamente: uma rede sociotécnica, de múltiplos agenciamentos, um devir no qual tudo gera ação, produz diferença, atuando sem hierarquias previamente determinadas. As associações, propriamente ditas, em constante rearranjo, é que formam o que podemos chamar então de social. Bruno Latour (2005) vai nomear esta abordagem de “sociologia das associações”, em contraposição ao que ele chamada de “sociologia do social”, compreendendo as estabilizações que daí surgem como caixas-pretas, configurações temporárias que se desfazem com o surgimento de controvérsias que podem desestabilizar este sistema.

O modo então de mapear esta rede, para uma certa leitura da TAR, é a Cartografia de Controvérsias (CC), “um conjunto de técnicas para explorar e visualizar polêmicas, questões emergentes em determinados agrupamentos, o movimento, a circulação da ação e a fluidez de mediações, revelando as diversas dimensões que compõem uma rede sociotécnica” (LEMOS, 2013, p.110). Mas este mapeamento deve ser feito antes que os envolvidos se tornem invisíveis uns para os outros, ou seja, antes que resolvam seus problemas e uma nova caixa preta seja gerada. Por essa via, a reportagem sobre a qual este texto se debruça oferece a oportunidade de

mapear as tensões, no sentido de verificar a hipótese de que Drauzio Varella, ali, atuou no devir médico-jornalista, o que o aproxima do que entendemos como a figura de um repórter-xamã, a qual iremos delinear mais à frente. Para isso, invocamos o pensamento da mata, no sentido de buscar conceitos, ou análogos de conceitos, que nos ofereçam operadores para isso, torcendo o modo de operação do nosso pensamento ocidental. Começamos então de um lugar bem marcado desta ontologia: a ideia de um certo humano, inventado pelo humanismo.

Tim Ingold (1995, p.1) estabelece a diferença entre o ser humano como espécie (*human kind*), e a condição humana (*human being*). Fazer parte da espécie *homo sapiens* não confere automaticamente a condição de humanidade a ninguém, já que, por exemplo, pode haver indivíduos sem linguagem, por um lado, e espécies que podem adquirir linguagem, por outro. Esta noção de *pessoa humana* é tão dependente da cultura ocidental quanto a da *humanidade animal* é das outras culturas, nas quais a exceção é a regra e alguns animais, árvores ou objetos feitos pelo homem compartilham da condição de pessoas. Uma certa antropologia passou a encarar este tipo de relação com o mundo um modo bastante sofisticado de lidar com as complexidades que nós, os pretensos humanos ocidentais, “um clube seletivo que não aceita novos sócios”, como nos lembra Ailton Krenak (2020, p.7), estamos tentando lidar sem sucesso no colapso ambiental que avança.

Neste ponto é preciso revisitar o conceito de animismo, nas palavras da antropóloga Nurit David-Bird (1999). No trabalho de campo feito com uma comunidade dos Nayaka, no sul da Índia, ela conhece *Pandalu*, uma performance central na organização do grupo com características dos rituais de possessão, no qual alguns participantes fazem contato com os *devaru*, espíritos da natureza que se aproximam para conviver e conversar, a partir de árvores, pedras e outros objetos. *Pandalu* educa a percepção dos Nayaka para discernir o que é e o que não é pessoa na natureza. Daí a ideia de uma Humanidade Compartilhada, indicada por sinais às vezes decifráveis, por outras completamente ocultos, o que torna o reconhecimento algo feito apenas por aqueles iniciados, preparados, disponíveis para a tarefa. É sob essa perspectiva que Viveiros de Castro (2015, p. 80) define o animismo “como a ideia de que outros existentes além dos humanos são pessoas”. Este é um pressuposto fundamental do seu Perspectivismo Ameríndio, uma teoria antropológica fundada no modo de existir de alguns povos indígenas da Amazônia.

Viveiros de Castro (2004) cita o exemplo da narrativa que registrou em uma experiência de campo. Nesta história, um ser humano fica perdido em uma floresta e chega em uma vila estrangeira. Lá, os habitantes convidam o homem para tomar uma cabaça de cerveja de mandioca. Ele aceita, mas quando olha para o líquido, enxerga uma cabaça cheia de sangue

humano. Depois de ser capturado por outro ponto de vista, o humano passa a ver os animais como pares, como humanos também. É no momento de tomar a bebida que ele percebe o engano. O que o interlocutor chama de cerveja de mandioca, na verdade, para ele, é sangue humano: o mesmo nome, em realidades distintas, serve para designar coisas diferentes, o que podemos chamar também de multirreferencialidade. Aí está o equívoco, fundamento da comunicação, na visão deste autor. Não é o entendimento, mas sim a incompreensão que marca o processo comunicativo, precipitando um tipo de comunicação pela diferença, vigente não apenas entre realidades diferentes: esta seria a condição de qualquer troca comunicacional.

Uma outra questão importante emerge da história registrada por Viveiros de Castro (2015), em consonância com a epistemologia relacional dos Nayaka, que dá origem aqui à conversa sobre o equívoco: quem é o humano do humano? É preciso estar atento e forte para saber distinguir, o tempo todo. Mas para aqueles que são os responsáveis por fazer a mediação, por traduzir os mundos, esta é uma função que requer muito treinamento, um conhecimento extenso e a disponibilidade frequente de correr o risco de acessar outra perspectiva e não voltar. Aprender a ser xamã é algo importante em muitos sentidos. Um deles diz respeito à capacidade de curar doenças, de todos os tipos de pessoas, inclusive na natureza. O xamã é um diplomata, aquele que acessa outras humanidades possíveis e faz os trânsitos para que os mundos continuem a funcionar. Esse tipo de esquematismo pressupõe o que o antropólogo Renzo Taddei (2020) chamou de ética do zelo. Taddei usa o contexto da pandemia do novo Coronavírus para explicar sinteticamente do que se trata essa ética: com a alta taxa de transmissão do vírus, qualquer deslocamento nosso pode ser uma decisão de vida e morte para outra pessoa. Nesse sentido, quando cuido de mim, cuido do outro, justamente porque a existência do outro depende da minha existência. Essa ideia aparece no Perspectivismo Ameríndio, no que Viveiros de Castro chama de humanidade relacional. A ética do zelo é, sobretudo, uma prerrogativa para o sucesso das traduções xamânicas.

Tanto o xamanismo como o jornalismo pressupõem a relação entre mundos. O modo como o xamanismo administra o encontro de perspectivas, ou, ainda, a maneira como permite o deslocamento de si para conhecer o outro pode ser uma poderosa fonte de inspiração para o jornalismo. O xamã yanomami Davi Kopenawa (e ALBERT, 2015, p. 70) é enfático quando condiciona a compreensão do outro ao devir: “Sem virar outro, mantendo-se vigoroso e preocupado com o que nos cerca, seria impossível ver as coisas como os espíritos as vêem”. Por essa via, o que nomeamos inicialmente como repórter-xamã diz respeito àquele que, mesmo provisoriamente, busca acessar o ponto de vista do outro, a fim de *ver como*. Ao habitar esse devir – e o que é produzido a partir desse entre-lugar, em termos de narrativa audiovisual,

textual, imagética, sonora –, o repórter-xamã propicia, em potencial, que o público seja colocado, indiretamente, em um tipo de relação com a diferença em que os equívocos estejam visíveis. O Jornalismo de Perspectivas (GUIMARÃES, 2016, 2019) pressupõe esse tipo de disposição, perigosa, por *ver como* - em que a figura do repórter-xamã dá a ver sua existência. O conceito propõe uma nova visada sobre a rede sociotécnica “jornalismo”: é, sobretudo, uma provocação teórica apadrinhada pela habilidade dos xamãs na cosmologia ameríndia.

Uma invenção possível de jornalismo inspira-se justamente no xamanismo, essa prática-vida de tradução de mundos que possibilita o diálogo transespecífico nas cosmologias ameríndias. E está no xamanismo, como inspiração, por uma série de motivos, os quais dizem respeito à natureza deste tipo de tradução. Alguns deles, já esboçados neste texto linhas atrás, serão indicados aqui, em razão da correspondência com o deslocamento que foi o “abraço de Drauzio”: a comunicação pelo equívoco; a ética do zelo, do cuidado com *um outro*, que é aquele que possibilita a existência de *um mesmo*, considerando uma ontologia relacional, a partir da qual re-vive a cosmologia ameríndia; e o interesse pela jurisprudência, mais que pela lei ou pelas leis. O último ponto dialoga Deleuze (1992) e Viveiros de Castro (2015). O filósofo diz se interessar mais pelo devir revolucionário que pelas revoluções históricas, em como se adapta a norma (ou as normas) às situações de fato. Os xamãs atuam justamente dessa forma, segundo o antropólogo: mais interessados na adaptação, de modo diferenciante, que na legislação, de modo coletivizante. O xamanismo é uma questão de jurisprudência.

A abordagem abre caminho para pensar a Humanidade Compartilhada na floresta, por meio do xamã, mas também a humanidade da cidade, por meio do seu análogo, o jornalista, o comunicador, aquele forjado na ideia do mundo ocidental humanista e que ecoa na pretensão de objetividade e imparcialidade dos relatos jornalísticos. A partir daqui, olhamos o modo como Drauzio Varella atravessa cosmologias na reportagem que nos interessa, exibida no Fantástico, da TV Globo, juntando impressões e anotações filtradas a partir do Jornalismo de Perspectivas. A ideia é primeiro observar, na reportagem, pontos de confluência entre a condução proposta por Drauzio Varella e a abordagem proposta por Guimarães (2016, 2019) e em seguida, mapear alguns equívocos, frutos dos desdobramentos da reportagem, nas redes sociais.

O fantástico equívoco

A narração de Drauzio inaugura o corpo da matéria (VARELLA, 2020), sobreposta por suas imagens caminhando próximo ao muro do Centro de Detenção Provisória de Pinheiros, na cidade de São Paulo.

Há 30 anos sou médico voluntário em cadeias. Comecei em 1989, lá na Casa de Detenção, no Carandiru. Ia lá, via os doentes. E eu comecei a atender as transexuais. Só que eu não entendia nada. Aí eu fui estudar um pouco, *lê* um pouco. Eu comecei a dar palestras para as trans. Conversas como essa que a gente *tá* tendo agora e que eu costumo fazer de tempos em tempos para falar sobre a questão de vocês aqui, dentro da cadeia. (VARELLA, 2020)

Há vários pontos interessantes nesta abertura. Drauzio estabelece seu lugar de fala: fica claro que ele tem experiência longa com a temática abordada e os atores sociais que a conformam. Mas isso não é o mais decisivo em relação ao que se tornou o “abraço de Drauzio” logo após a exibição da reportagem. De um modo ou de outro, sua atuação em presídios brasileiros já possuía certa popularidade. A fala inicial de Drauzio aciona no público, em alguma visada, um certo ideal de perfectibilidade moral, do qual fariam parte a humildade (“eu não sabia nada”) e a capacidade empática. Há também o tom de conversa que se estabelece: tanto em sua locução quanto no modo como ele interpela suas entrevistadas, Drauzio investe no coloquial.

Somente após quase 40 segundos do momento inaugural é que a gente entende que não se trata apenas de uma locução em *off* de Drauzio, mas do áudio de uma das palestras que o médico realiza em presídios com mulheres trans. Não somos nós os interlocutores presumidos. Somos nós *também*. Os espectadores da reportagem e as mulheres trans que assistem Drauzio na palestra dividem, provisoriamente, o mesmo lugar. É ousado criar essa espécie de confusão de perspectivas. E seria exatamente esse tipo de deslocamento, em específico o de Drauzio em relação a uma outra personagem da matéria, que geraria uma onda de descontentamento na sociedade, dias após o lançamento da reportagem.

As imagens da palestra são sucedidas pela história de Thais Pereira de Lima, 29, que teve que sair da casa dos pais “para tentar a vida lá fora”, o que significa, para a maioria das travestis, se prostituir, segundo ela. Depois da conversa com Thais, retornam as imagens da palestra de Drauzio, quando ele diz para a plateia que conheceu a mulher no presídio de Igarassu, em Pernambuco. O abraço coletivo das detentas de Igarassu em Drauzio (um primeiro abraço), traduzido em imagens neste ponto da reportagem, faz transbordar o tipo de envolvimento que o médico *escolhe* ter com suas fontes, que, nesse caso, também são suas pacientes. Drauzio atua em duas perspectivas, do modo como entendemos esta palavra na nossa

abordagem. Embora não se reconheça como jornalista, ao se colocar no lugar de narrador de uma história verídica e atuar como interlocutor dos personagens desta história, o médico se embrenha com o jornalista, traduzindo mundos. Eles se confundem a ponto de suas pacientes serem também suas fontes. Ao cruzar perspectivas, Drauzio *impõe* o mesmo às mulheres que participam da reportagem. E lança-se, junto com elas, ao rol de expectativas que se abre quando a gente se torna algum outro.

Drauzio segue a reportagem dizendo aos seus interlocutores (as mulheres que participam de sua palestra, e nós, espectadores do Fantástico) das condições das transexuais no presídio de Igarassu. “Podem se vestir com qualquer roupa e são livres para circular por toda a cadeia. Uma cadeia barra-pesadíssima, nunca vi uma coisa dessas. Tem uma ala que eles separaram para as travestis que tem um tratamento bastante humano, humanizado” (VARELA, 2020). Abrimos parênteses para o adjetivo “humanizado”. Se é preciso dizer que as mulheres transexuais presas neste local são tratadas como “humanos” é porque vivemos num mundo, numa ontologia que habitualmente não compartilha com estas mulheres a condição de humanidade.

A câmera percorre o presídio de Igarassu: o jogo de futebol, o corredor da ala para travestis, um rosto olhando fixo para um horizonte que a gente não vê. Um homem de igreja esbraveja algo sobre a piedade divina. Drauzio segue tecendo o fio condutor da reportagem. As imagens agora são de sua palestra. Os olhares estão atentos. “Uma coisa que a sociedade não entende é que cadeia tem um custo de vida. O Estado aqui dá calça, camiseta, o resto é tudo por sua conta. Como é que sobrevive? Na fase inicial, a maioria tem que sobreviver com a prostituição, só que a prostituição mais barata de todas” (VARELA, 2020). Essa fala de Drauzio antecede a entrada de Suzy de Oliveira Santos, 30, detenta do Centro de Detenção Provisória (CDP) Pinheiros II. “Na cadeia você é obrigada a se prostituir, por uma pasta de dente, um sabonete, um prato de comida”, ela explica. Drauzio pergunta: “Existe alguma forma de a travesti não se prostituir quando chega na cadeia?”. “No início, não. No início não, porque no início a gente não tem oportunidade. O preconceito é muito grande”, conta. Suzy é soropositiva e já teve tuberculose. Entram na tela imagens dela numa consulta médica. Ela teve acesso ao tratamento para o HIV na cadeia. Neste ponto, o Drauzio narrador retorna contando que chegou ao antigo Carandiru (Casa de Detenção de São Paulo) em plena epidemia de Aids. “Não tinha tratamento ainda. Eu testei lá 82 trans. 79% eram HIV positivo”. Suzy retorna. Conta que agora tem acesso ao preservativo e que começou a trabalhar somente após quatro anos de cadeia. Drauzio pede que ela explique o trabalho que desenvolve. Ela produz placas de

borracha para vedação de cano. “Graças a esse emprego, eu não vou sair como cheguei, sem uma forma de caminhar”.

Há uma personagem que se impõe ao público aqui, tanto pelo modo como Suzy narra a si mesma, quanto pela importância que ela adquire na linha narrativa da reportagem. As imagens agora são da Penitenciária José Parada Neto, no estado de São Paulo. Um grupo de detentas faz um curso de maquiagem. Lolla Ferreira Lima, 35, diz que o curso é um novo começo de vida, pra quando ela sair dali, “o que não deve demorar muito” (VARELA, 2020), conta. A professora, Juliana Varoni, diz da importância de trazer cor a um mundo que é muito cinza: “O cárcere é um lugar de contenção, de pobreza, onde ficam os indesejáveis da sociedade”. Lolla diz que se interessa em oficializar o nome que escolher para ser seu e também quer colocar prótese nos seios. “Quando minha mãe morrer, meu pai, eu faço tudo isso”. As imagens de sua calcinha vermelha sendo estendida no varal são sucedidas por um vestido de noiva branco pendurado na porta de uma das celas do presídio de Tacaimbó (PE). Essa costura faz a transição da história de Lolla para a de outra mulher, da qual o nome não aparece em créditos. “Meu pai sempre quis me vestir de menino”. Ela está ao lado do marido, Robson da Silva Lima, 30. A câmera está no rosto de Drauzio, que sorri serenamente. Ele pergunta como os dois se encontraram. Ela conta que ele estava muito doente e que cuidou dele. Sorri e olha para o marido. Eles estão de mãos dadas durante toda a entrevista. “Ela me fez uma promessa, e disse: ‘eu vou cuidar de você’, e eu simplesmente fiz uma promessa a ela: ‘você vai cuidar de mim e eu cuidarei de você para o resto da minha vida’”. A história de um casal zeloso abre caminho para o retorno de Suzy.

Neste ponto, já há muitos caminhos de identificação possíveis entre as personagens narradas e o público. Drauzio e Suzy conversam:

Drauzio: Você tá casada agora ou tá solteira?

Suzy: Agora tô meio separada, porque meu marido foi transferido.

D: Há quanto tempo você está sem receber nenhuma visita na cadeia?

S: Oito anos, sete anos. Bastante tempo.

[Silêncio. Na cena, apenas Suzy e um repetido sinal de afirmação com a cabeça.]

D: Solidão, né, minha filha?

S: Bastante. Bastante.

[Drauzio e Suzy se abraçam longamente.]

(VARELA, 2020)

O clímax da reportagem é sucedido por gráficos animados. O segundo diz que o crime mais comum cometido pelas mulheres trans presidiárias é o roubo, 38,5%, e apenas 7,7% estão presas porque praticaram homicídio. “Foi por roubo que a Lolla veio parar na prisão”, narra Drauzio. As imagens são do momento em que Lolla recebe o documento que concede a ela o

regime aberto. O portão do presídio se abre. A claridade invade seu rosto. O abraço agora é o de Lolla e sua irmã. O terceiro e último da reportagem.

“A Lolla foi entrevistada na rua completamente diferente do que ela estava na cadeia”, narra Drauzio. “Aí eu vim pra cá, e agora meu objetivo é ficar aqui na casa do meu pai, um tempo. Agora eu sei que tô no meio da sociedade, lá eu tinha uma certa liberdade”, conta Lolla. Um paradoxo e tanto. “Você sente que as pessoas não estão de acolhendo como deveria acolher”. Ele, que era Lolla no presídio, pinta a cara de palhaço. “A minha fantasia de palhaço...vou ver se eu pego e vou vender água no farol”. “Olha a água! Olha a água!”, grita o palhaço na rua. “Olha a água! A água da alegria do palhaço, da felicidade...!”. Ele está agora sentado, sozinho, num banco na rua, olhando um horizonte que a gente não vê. Não é possível afirmar se há solidão ali. Mas, depois de mais de 13 minutos de reportagem, a gente sente bastante.

As delícias e as dores

Em um post do Twitter do Fantástico (2020) do dia 2 de março, um dia depois da exibição da reportagem, o momento do abraço é compartilhado na rede. A solidão de Suzy mobilizou uma campanha: um tanto de gente queria enviar cartas para ela. A Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo precisou explicar como as pessoas poderiam enviar cartas para a detenta. De acordo com uma matéria do G1 de São Paulo (DETENTA, 2020), apenas cinco dias após a exibição da reportagem, Suzy já tinha recebido 234 cartas. O gesto de Drauzio, em seu devir médio-jornalista, ao abraçar Suzy, provocou mais reações. Já no dia seguinte ao Fantástico, o abraço esteve entre os temas mais discutidos da internet. A ênfase na “humanidade” de Drauzio ao “humanizar” a presidiária foi recorrente. A valoração positiva da reportagem também foi pauta comum em uma série de reações.

Ocorre que no dia 08 de março, o site O Antagonista (TRANS, 2020) divulgou o crime cometido por Suzy, disponibilizando inclusive a sentença. Houve uma mudança abrupta no modo como as pessoas, no geral, viram a atitude de Drauzio, ao abraçar Suzy, e também na maneira como atribuíram valor à reportagem, uma alteração não no modo de ver as coisas, mas nas próprias coisas: da vítima a algoz. Seria nossa ontologia também relacional, em algum sentido? Na história que Viveiros de Castro (2004) nos conta para definir o equívoco, o indígena que aceitou cerveja de mandioca só entendeu que havia acessado outra perspectiva quando recebeu uma cabaça cheia de sangue. Fomos todos capturados pela tradução de Drauzio, acessando um outro mundo, que existe com suas próprias referências. Fomos até capazes de desenvolver empatia quando compartilhamos a condição de humanidade com as

mulheres traduzidas por ele. Mas, como toda (boa) tradução equivocada, esta também carrega o lastro da diferença inconciliável, uma boa dose de risco inerente à condição selvagem dessa travessia: é um risco sempre possível, embora difícil de se calcular.

O abraço passou a ser desprezível (assim como o próprio Drauzio, não raro, passou a ser chamado de “mau caráter”), já que direcionado a alguém que cometeu crime hediondo; a reportagem virou material falho, errôneo, manipulador: ora por não ter revelado o crime cometido por Suzy, ora por ter posto na perspectiva de vítima alguém com a marca do algoz. Relacionada a isso, há uma série de equívocos em evidência, por exemplo, em postagens geradas a partir da nota de esclarecimento apresentada por Drauzio em seu Twitter, no dia 8 de março, após a confirmação do motivo pelo qual Suzy foi presa. O comunicado diz o seguinte:

Há mais de 30 anos, frequento presídios, onde trato da saúde de detentos e detentas. Em todos os lugares em que pratico a Medicina, seja no meu consultório ou nas penitenciárias, não pergunto sobre o que meus pacientes possam ter feito de errado. Sigo essa conduta para que meu julgamento pessoal não me impeça de cumprir o juramento que fiz ao me tornar médico. No meu trabalho na televisão, sigo os mesmos princípios. No caso da reportagem veiculada pelo Fantástico na semana passada, não perguntei nada a respeito dos delitos cometidos pelas entrevistadas. Sou médico, não juiz. (PORTAL DRAUZIOa, 2020)

Dois dias depois da publicação desta nota de esclarecimento, em 10 de março, Drauzio postou um vídeo em seu Twitter, no qual afirma que também soube do crime cometido por Suzy somente após a exibição da reportagem. “Não há o que falar, é um crime que choca a todos nós” (PORTAL DRAUZIOb, 2020). E reafirma o que disse em seu comunicado anterior. “Não entrei na cadeia como juiz, mas como médico. Ser médico orienta meu olhar em todas as situações, não só quando eu estou atendendo pacientes. Faço isso há mais de 50 anos”. Ele afirma entender a frustração de quem se decepcionou com ele. Diz que foi uma entrevista longa, e que ao fim Suzy ficou de cabeça baixa, quando ele perguntou há quanto tempo ela não recebia visitas. “Ela se virou com um olhar tão triste que me comoveu. E eu dei um abraço nela. Pra quem acha que eu errei, desculpa, esse é o meu jeito. Eu lamento mas assumo totalmente a responsabilidade pela repercussão negativa do caso”.

No mesmo dia 10 de março, o Jornal Nacional (JORNAL, 2020) pautou a repercussão do caso, por volta de 41 minutos do noticiário. Renata Vasconcelos leu o comunicado de Drauzio, divulgado em 8 de março, e em seguida o JN exibiu o vídeo divulgado pelo médico no dia 10 em seu Twitter. Após a exibição, William Bonner leu uma nota em que se desculpa com a família da vítima, em nome da TV Globo, e afirma que somente após a exibição do quadro é que o Fantástico soube do crime de Suzy.

As notas de Drauzio e da TV Globo, menos e mais claramente, apontam para tentativas de estancar a sangria. Lembrando a Teoria Ator-Rede (LATOURE, 2005; LEMOS, 2013), trata-se de ações para fechar a caixa preta, estabilizar a controvérsia instalada na rede com a divulgação do crime de Suzy, controlar os equívocos. De fato, a repercussão sobre o caso não se alongou muito, talvez em função de uma controvérsia bem mais ampla que atingiu a rede-jornalismo, poucos dias depois: a chegada do novo Coronavírus ao Brasil, inaugurando equívocos de outra ordem, especialmente entre jornalistas e autoridades públicas.

Algumas anotações importantes

Acionamos o conceito de Humanidade Compartilhada para abordar o momento da "virada", quando o crime que motivou a condenação de Suzy é revelado: estabelecemos neste ponto uma analogia com a história do indígena que aceita uma cabaça com cerveja e quando vai beber, percebe que na verdade é uma cabaça cheia de sangue. Se no contexto da floresta este equívoco é sinal de uma Humanidade Compartilhada, ou seja, de que há gente em todos os lugares, portanto tudo é passível de cuidado e respeito; no caso de Suzy, o equívoco foi sinal de uma Humanidade Seletiva, ponto a partir do qual fica claro que a condição de humanidade não é inerente a todos, há um certo critério, nem sempre claro, para a definição de quem é ou não merecedor do título de humano. O próprio Drauzio já havia, distraidamente, apontado para isso, quando, durante a reportagem, disse que no presídio do Recife as travestis têm um tratamento “bastante humano, bastante humanizado”. Dias depois, para citar apenas um caso, o deputado federal Carlos Jordy, de ultra direita, filiado ao PSL, compartilhou a nota emitida pelo médico, em suas redes sociais, também falando em humanidade: “Você fez parte de um programa tratando como uma vítima um bandido, humanizando um estupro, pedófilo e assassino” (JORDY, 2020). Uma mesma palavra, em mundos diferentes, tem significados diferentes: equívoco.

Em artigo na revista *Crusoé*, dias depois da nota postada nas redes sociais de Drauzio, o jornalista Mario Sabino faz a seguinte pergunta: “Gostaria apenas de me deter sobre uma questão que julgo essencial: Drauzio Varella entrevistou Suzy como médico ou como jornalista?” (DRAUZIO, 2020). Interessante essa pergunta. Aqui, literalmente, o jornalismo, como substantivo, é colocado em equívoco: o que estamos chamando de jornalismo? Uma palavra, diferentes significados. Para muitos, Drauzio não poderia ter “vitimizado” ou “omitido” o histórico da entrevistada. Pensemos sobre essa diferença no aval, em diferentes momentos. Antes da divulgação do crime, o gesto é enaltecido, inclusive a qualidade da reportagem, no geral pela empatia promovida. Antes, não se exigia o rompimento do dever

médico-jornalista. Depois da divulgação do crime, o gesto é demonizado. Há uma inferência possível a partir disso, a qual gostaríamos de destacar: não é qualquer um que merece um gesto empático de alguém atuando na perspectiva do jornalismo.

Este é o ponto, a controvérsia que abre a caixa preta e faz emergir os nós que formam esta rede, os equívocos que põe à vista o jornalismo no plural, em suas dimensões diferenciadas, em sua jurisprudência. O jornalismo, no singular, este modo de traduzir o mundo que se pretende objetivo, fazendo uma mediação unirreferencial, a partir de um acesso específico, re(vive) em uma epistemologia: um único mundo, múltiplos significados possíveis. Por outro caminho, o Jornalismo de Perspectivas acena justamente para um certo modo de traduzir o mundo que admite múltiplas perspectivas como possibilidade, apoiando-se em um tipo de Humanidade Compartilhada que construa conhecimentos-mundos não a partir *de*, mas sempre em relação *a*. É deste lugar que entendemos a postura de Drauzio como análoga à postura do xamã, ao acessar um outro. Ele exerce um Jornalismo de Perspectivas, também, e muito especialmente, no que diz respeito à ética do zelo, quando cuida que uma avaliação pessoal não interfira na tradução que se dispôs a emendar com Suzy e, mais obviamente, quando abraça a presidiária, um gesto que acena disponibilidade afetiva.

Mas há dores, riscos incalculáveis neste exercício, o de se comunicar pelo equívoco: você pode ser capturado por outra perspectiva, como na história contada por Viveiros de Castro, e até mesmo não voltar. Um xamã bem treinado volta pra contar. Tarefa árdua: (re)traduzir a tradução. Drauzio fez uma travessia pouco comum no jornalismo, construiu uma narrativa via controle diferenciante, tensionando os limites do jornalismo. Quando voltou pra contar, trouxe um equívoco junto. Qual o limite dessa transformação para não perder a comunicabilidade com a “aldeia”? A resposta a essa pergunta, ao menos os rastros sobre esse entendimento, virá somente quanto mais jornalistas estiverem dispostos a encarar as delícias e as dores de um Jornalismo de Perspectivas, mesmo que provisoriamente, nas miudezas que se infiltram no hegemônico, nos gestos que indicam disponibilidade, na tentativa provisória de traduzir a multirreferencialidade, no exercício de ver mundos possíveis.

Referências

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, David. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BIRD-DAVID, Nurit. “Animism” Revisited: Personhood, Environment, and Relational Epistemology. *Current Anthropology*, vol. 40, Suplement. The Wenner Green Foundation for Anthropological Research, 1999, pp. 67-91.

DRAUZIO Varella, Suzy e as regras do jornalismo. *O Antagonista*, 13 mar. 2020. Disponível em: https://www.oantagonista.com/brasil/drauzio-varella-suzy-e-as-regras-do-jornalismo/?utm_source=oa-site&utm_medium=leiatambem&utm_campaign=leiatambemmobile Acesso em 14 maio 2022.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DETENTA trans Suzy já recebeu 234 cartas após reportagem do Fantástico, diz secretaria de SP. *GI SP*, 7 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/07/detenta-trans-suzy-ja-recebeu-234-cartas-apos-reportagem-do-fantastico-diz-secretaria-de-sp.ghtml>. Acessado em: 14 maio 2021.

FANTÁSTICO. *@drauziovarella* mostrou e o Brasil se emocionou: como é a vida das mulheres trans presas, que enfrentam preconceito, abandono e violência dentro das penitenciárias do Brasil. Veja na íntegra: <http://glo.bo/2uNm62g>. 2 mar. 2020. Twitter: *@showdavida*. Disponível em: <https://twitter.com/showdavida/status/1234563236848119810>. Acesso em: 20 maio 2022.

GUIMARÃES, Lara Linhalis. Jornalistas e Xamãs: a performance na cosmologia ameríndia e a invenção de um jornalismo diferenciante. In: *XXVIII Encontro Anual da Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 2019, Porto Alegre. Anais eletrônicos. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_ANAD7PM0CIYTNIECYCRB_28_7409_20_02_2019_11_51_07.pdf. Acesso em: 5 jul. 2020.

-----, 2016. *Uma invenção de jornalismo: ninjas, xamãs e outras perspectivas*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 177 p. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/tese_lguimaraes_2016.pdf. Acesso em: 20 fev. 2020.

INGOLD, Tim. Humanidade e animalidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Ed. 28, jun 1995, p.1-15.

JORDY, Carlos. Não se faça de sonso. Você fez parte de um programa tratando como uma vítima um bandido, humanizando um estupro, pedófilo e assassino. A matéria era sobre as dificuldades, tristeza e solidão do travesti, querendo comover o telespectador. Faz isso também com o champinha então! 8 mar. 2020. Twitter: *@carlosjordy*. Disponível em: <https://twitter.com/carlosjordy/status/1236793125756166145>. Acesso em: 20 maio 2022.

JORNAL Nacional, Íntegra 10/03/2020. *Jornal Nacional*, 10 mar. 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8389283/>. Acessado em 28 maio 2022.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

----- . *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the Social: an introduction to Actor-Network-Theory*. New York: Oxford University Press, 2005.

LEMOS, André. *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura*. São Paulo: Annablume, 2013.

PORTAL DRAUZIOa. Esclarecimento do dr. Drauzio sobre a reportagem produzida e veiculada pelo @showdavida, no último domingo, 01 de Março. 8 mar. 2020. Twitter: @drauzioarella. Disponível em: <https://twitter.com/drauzioarella/status/1236778361130758145>. Acesso em: 25 maio 2022.

PORTAL DRAUZIOb. Drauzio vem conversar diretamente com as pessoas que o acompanham - seja na TV ou nas redes sociais -, sobre sua participação na matéria do Fantástico veiculada no dia 01 de março. 10 mar. 2020. Twitter: @drauzioarella. Disponível em: <https://twitter.com/drauzioarella/status/1237486982961549324?s=20>. Acesso em: 25 maio 2022.

TADDEI, Renzo. Jornalismo possíveis, mundos possíveis. [Entrevista concedida a] Evandro Medeiros Laia e Lara Linhalis Guimarães. *Série audiovisual Traduções*, Youtube, episódio 1, maio 2020. Disponível em: <[youtube.com/jornalimos](https://www.youtube.com/jornalimos)>. Acesso em: 15 jul. 2020.

TRANS abraçada por Drauzio no Fantástico matou e estrangulou menino de 9 anos. *O Antagonista*, 8 mar. 2020. Disponível em: <https://www.oantagonista.com/sociedade/trans-abracada-por-drauzio-no-fantastico-matou-e-estrangulou-menino-de-9-anos/>. Acesso em: 14 maio 2022.

VARELLA, Dráuzio. Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência. *Fantástico*, 1 mar. 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8364420/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac e Naify, 2015.

----- . *Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation*. In: *Tipiti, Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, vol. 2, 2004. Disponível em: <<http://digitalcommons.trinity.edu/tipiti/vol2/iss1/1>>. Acesso em: 20 maio 2020.